

DOMINGO

Como funcionava o esquema desmontado pela Polícia Federal de Santa Catarina para lavagem de dinheiro e remessa ilegal para o exterior. A hierarquia do grupo que operava o esquema.

SEGUNDA-FEIRA

O esquema seguia a estratégia de outros escândalos de lavagem de dinheiro descobertos nos últimos anos, como Maluf, Mensalão e Toninho da Barcelona.

HOJE

O negócio nebuloso envolvendo o líder do esquema e o mexicano Lúcio Ruedas Bustus, acusado de pertencer à principal quadrilha que envia cocaína do México para os Estados Unidos.

QUARTA-FEIRA

O histórico das principais operações da Polícia Federal desenvolvidas nos últimos meses e que tiveram impacto em Santa Catarina.

MARCO AURÉLIO BRAGA

Com sotaque espanhol carregado, Ernesto Placencia San Vicente chegou a Santa Catarina na década de 1990 com planos ambiciosos. Vindo do México, queria encontrar empresários catarinenses adeptos de seu olhar visionário sobre negócios. Dizia-se um investidor, um homem com poder financeiro alto e que estava radicado no Brasil. Casado com uma brasileira, ele argumentava que via no Estado um bom lugar para expandir suas atividades.

Sócio de uma construtora em Balneário Camboriú e de casas noturnas com o ex-garçom e também empresário que desenvolveu carreira meteórica Roberto Carlos Castagnaro, San Vicente aproximou-se do empresário jaraguense Rogério Luis Gonçalves, que vivia fase de franca expansão de negócios. Com investimento de R\$ 500 mil, o mexicano virou sócio da empresa Dream Car, em Jaraguá do Sul.

Na tarde de 19 de julho de 2006, Gonçalves, hoje preso acusado de ser o criador do maior banco paralelo de lavagem de dinheiro da história de Santa Catarina, segundo a Polícia Federal (PF), percebeu a dimensão dos negócios nebulosos do sócio quando estava na agência do Banco do Brasil, no centro de Jaraguá do Sul.

Agentes da Polícia Federal entraram no banco e, com um mandado de prisão nas mãos, detiveram Gonçalves. O empresário foi levado para prestar esclarecimentos sobre a sua associação com o misterioso mexicano. Foi liberado assim que prestou depoimento.

Era a Operação Zapatta, da Polícia Federal paranaense, que visava desarticular a rede montada por Ernesto San Vicente, e resultou nas prisões do mesmo no aeroporto de Congonhas, em São Paulo, e de Castagnaro em Balneário Camboriú. Com este episódio, veio à tona que Ernesto Placencia San Vicente na verdade se chamava Lúcio Ruedas Bustus, integrante de uma megaquadrilha de tráfico de drogas do México, o temido Cartel Juárez.

Lúcio Bustus adotou o nome de Ernesto San Vicente para despistar as polícias brasileira e dos Estados Unidos. Investigado pela Drug Enforcement Administration (DEA) – agência norte-americana encarregada do combate ao tráfico de entorpecentes – e procurado pela Interpol, Bustus teria feito pelo menos uma plástica para mudar de fisionomia. Com a nova identidade, desembarcou em Balneário Camboriú. Lá comprou imóveis à beira-mar e se associou a uma construtora. Quase não apreciava no Litoral catarinense.



OPERAÇÃO OURO VERDE

POLÍCIA INVESTIGA A LIGAÇÃO DA “LAVANDERIA” COM TRÁFICO DE DROGAS

Mexicano do Cartel Juárez se aproximou de empresário jaraguense, de quem virou sócio num negócio que ainda não foi desfeito



Devassa da Polícia Federal nas empresas do Grupo Roger Tur, comandadas por Rogério Luis Gonçalves

AMARILDO FORTE, BD, 30/3/2007

A associação de Lúcio Bustus com Rogério Gonçalves ainda é um mistério para a Polícia Federal. Suspeita-se que os negócios do Grupo Roger Tur teriam caído como uma luva para as ambições do mexicano, que, segundo a Polícia Federal, tinha como objetivo lavar a fortuna adquirida com a venda de cocaína. Bustus era radicado em Curitiba. Em 2004 foi preso pela Polícia Civil paranaense, mas pagou quase R\$ 3 milhões de propina aos policiais para ganhar liberdade e não ser desmascarado. A farsa acabou sendo descoberta pela Corregedoria da Polícia Civil.

Bustus foi condenado em dois processos a 14 anos de prisão por lavagem de dinheiro e corrupção passiva pela Justiça Federal do Paraná. “Eles eram sócios na empresa em Jaraguá. Ainda há muito o que investigar sobre a união de Rogério Gonçalves e o mexicano”, diz o delegado Christian Robert Wurster, responsável pela investigação da Operação Ouro Verde.

Neste mesmo processo, Rogério Gonçalves é réu, juntamente com Castagnaro, que também nega ter conhecimento que o sócio seria traficante. “Ele vinha pouco para Balneário Camboriú. É homem educado, espiritualizado e não imaginei que pudesse estar envolvido com o tráfico”, declarou Castagnaro na época de sua prisão, em julho passado.

Conforme o Ministério Público Federal de Santa Catarina, o mexicano teria aproveitado o esquema da lavagem de dinheiro do banco paralelo criado pelo empresário jaraguense para também beneficiar o dinheiro sujo do tráfico. Mas ainda faltam provas concretas.

O empresário Rogério Gonçalves, ao tomar conhecimento dos negócios do sócio mexicano, teria tentado desmanchar a sociedade com o mexicano. Entrou com processo na Justiça catarinense para desfazer o negócio e a ação ainda tramita na Comarca de Jaraguá do Sul. O advogado Acácio Marcel Sardá nega qualquer envolvimento de Gonçalves, insiste na inocência de seu cliente e não comenta das acusações.

Para o Ministério Público Federal, a relação é perigosa e aponta para o caminho de que todo o dinheiro andava num mesmo fluxo. “Os canais ilícitos são utilizados para os mais diversos crimes. Então, o dinheiro sonegado vai junto com o dinheiro do tráfico e de outras ações criminosas”, diz o procurador da República Maurício Gotardo Gerum, da Procuradoria de Combate ao Crime Organizado.

marco.braga@an.com.br

RELAÇÃO PERIGOSA COM O CARTEL JUÁREZ

EDITORIA DE ARTE



LÚCIO RUEDAS BUSTUS
Mexicano que chegou ao Brasil no início da década

de 1990 e adotou o nome falso de Ernesto Placencia San Vicente. Preso em 2006 pela Polícia Federal de Curitiba (PR), durante a Operação Zapatta, foi condenado em dois processos pela Justiça Federal do Paraná a 14 anos de prisão por lavagem de dinheiro e corrupção ativa. É apontado como um homem operacional do Cartel Juárez.

OS NEGÓCIOS NO BRASIL

Com o nome de Ernesto San Vicente, Lúcio Bustus virou sócio de Rogério Luis Gonçalves na empresa Dream Car, em Jaraguá do Sul. Também se associou a uma construtora em Balneário Camboriú.



O CARTEL JUÁREZ

Apontado pela Drug Enforcement Administration (DEA) como a principal organização do tráfico de drogas depois do Cartel de Cali, na Colômbia. Usa fronteira do México com o Estados Unidos, através da cidade de El Paso, para abastecer de drogas o território americano. O filme “Traffic” é inspirado na vida do chefe do Cartel Juárez, Amado Carrillo Fuentes, conhecido por “Senhor dos Céus”, por transportar toneladas de cocaína em Boeings 727 da Colômbia para a fronteira do México.

A LIGAÇÃO JARAGUÁ

Como sócio da Dream Car, Bustus lavaria dinheiro do tráfico de drogas do cartel mexicano utilizando as contas bancárias do Grupo Roger Tur. Também estaria transferindo dinheiro para o exterior. Rogério Gonçalves responde processo na Justiça Federal do Paraná por possível participação nos esquemas do sócio mexicano. Ele está preso em Jaraguá do Sul.



CARTEL ACHOU EM SC LOCAL IDEAL PARA APLICAR FORTUNA

Era uma quarta-feira, 19 de julho de 2006, quando Ernesto Placencia San Vicente (ou Lúcio Ruedas Bustus) foi preso em um avião no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Durante um ano, a Polícia Federal esteve no seu encaixo. Apontado como o barão da droga, ele tinha imóveis em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, numa fortuna avaliada em US\$ 30 milhões.

Há quase 10 anos, em julho de 1997, o chefe do Cartel Juárez, o supertraficante Amado Carrillo Fuentes morreu num hospital depois de passar por uma cirurgia plástica. Mito no México, Fuentes era conhecido como o “Senhor dos Céus”, por transportar em um Boeing 727 toneladas de cocaína da Colômbia para a fronteira do México com os Estados Unidos.

O Cartel Juárez, criado em 1985 na região Norte do território mexicano, dominou o mercado de cocaína no final da década de 90, depois do enfraquecimento do Cartel de Medellín, após a morte do chefe Pablo Escobar. No ápice, a quadrilha chegava a

arrecadar por mês cerca de US\$ 200 milhões, conforme a Polícia Federal.

HERDEIRO

Ernesto San Vicente, ou Lúcio Bustus, seria tesoureiro de bando que se notabilizou na década de 90 com Carrilho Fuentes

Ernesto San Vicente seria o tesoureiro do grupo. Com a queda nos negócios, o mexicano teria vindo para o Brasil aplicar a fortuna que acumulou com o tráfico de drogas.

Conforme as investigações da polícia brasileira, o dinheiro arrecadado pelo Cartel Juárez era remetido para o Brasil e San Vicente seria o responsável por aplicá-lo em empresas de vários setores. Depois, o dinheiro seria encaminhado para paraísos fiscais.